



O dia da cão

SILVIO ANDRADE | PANTANAL

De longe, após um curva que descortina uma daquelas retas sonolentas da BR 262, algo se mexe freneticamente no meio da pista. Ao se aproximar, com o pé no freio e controlando o carro para o acostamento, o repórter testemunha uma cena chocante: um cão preto da raça rottweiler cravando seus enormes dentes no pescoço de um cervo, que tenta escapar em vão.

Sem se dar conta do barulho dos motores de

carros e motos que passam à sua frente, em alta velocidade, o cão enfurecido arrasta o animal, uma fêmea, já desfalecido, e termina de matá-lo na mata. O que teria levado o rottweiler, uma das raças mais ferozes, a atacar um cervo numa região com tanta fartura de comida como o Pantanal? Desequilíbrio da cadeia alimentar? Teria o cervo sido atropelado, aguçando o instinto predador do cão? O flagrante ocorreu no KM 715, próximo à entrada para o distrito de Albuquerque e a 60 km de Corumbá. Um dos trechos mais perigosos por ser passagem natural de animais

de todo porte – a incidência aumentou consideravelmente nesse período de cheia, quando os bichos procuram lugares secos e alimentos, escassos.

Segundo veterinários consultados pela reportagem, o rottweiler é também um bom caçador, principalmente se criado no campo. De temperamento equilibrado, não atacaria sem motivos. Com certeza estava caçando e o cervo cruzou na sua frente, provavelmente debilitado. Conhecido pelos seus dotes de cão de guarda e de pastoreio, na Idade Média era famoso como caçador de javalis.

Expedição Rio da Prata

Biólogos revelam tesouros na terra das águas claras

JOSÉ SABINO (COLABORADOR)

Durante a primeira semana de maio, 11 pesquisadores de cinco universidades brasileiras realizaram perto de 100 mergulhos para estudar ecologia e comportamento de peixes em rios cristalinos. Com recursos do CNPq, FUNDECT e da Universidade Anhangüera-Uniderp, as pesquisas devem ajudar a conhecer e a preservar parte desse Brasil fascinante. Os cenários encantados do Rio Olho D'Água e Rio da Prata, com pujante biodiversidade, são mostrados aqui pelo Caderno Ecologia.

RELAÇÕES DESCONHECIDAS

Apesar de muito transparentes, as águas da Serra da Bodoquena ainda escondem verdadeiros tesouros naturais. Quanto mais os cientistas estudam, mais descobrem que têm apenas um esboço das riquezas biológicas da região.

Os resultados preliminares da Expedição Rio da Prata-2011 mostram essa diversidade. Censos de espécies de peixes, com uso de métodos de pesquisas marinhas, revelam uma variada e densa fauna aquática.

Em meio a essa vasta natureza, novas relações ecológicas entre peixes foram amplamente registradas em fotografias e vídeos subaquáticos. Peixes que seguem outras espécies durante a alimentação e se beneficiam dessa relação são muito comuns nos sistemas aquáticos investigados. E tem mais. Peixes que limpam parasitas de outros peixes também mostram como esses ambientes abrigam complexas relações ecológicas. Chamados de "peixes limpadores", eles são pequenos e medem de 2 a 5 centímetros. Apesar de diminutos, os limpadores estão entre os organismos responsáveis por manter o equilíbrio e a qualidade dos ecossistemas aquáticos. Esses pequenos peixes limpadores trabalham duro nos rios, na higienização de seus "clientes", que podem ser curimatás ou piaus, por exemplo.

A relação "limpador-cliente" é mais bem conhecida e documentada nos ambientes marinhos, mas começa a ser delineada também nos ecossiste-

mas de água doce. Um dos maiores especialistas mundiais em comportamento de peixes, o biólogo Ivan Sazima (Unicamp), saiu maravilhado com o que viu nos rios da região de Bonito. Há muito Sazima disse que não via ambientes tão complexos, ricos e, ao mesmo tempo, bem cuidados. Os rios cristalinos são verdadeiros laboratórios a céu aberto. Não é à toa. Para um dos organizadores da expedição, o biólogo Sérgio Floeter (Universidade Federal de Santa Catarina), os resultados científicos superaram de longe as expectativas iniciais. "Voltamos de Bonito com informações coletadas para escrever entre 10 e 12 artigos científicos", afirma Floeter, entusiasmado.

Os peixes estudados na expedição constituem um testemunho da vasta diversidade atual da região. Os rios da Serra da Bodoquena sofrem pressões de diferentes tipos. O turismo, algumas vezes praticado de forma desregulada, as águas poluídas por esgoto ou resíduos urbanos, e pela agropecuária, que se for mal conduzida destrói matas ciliares e carrega sedimento e agrotóxicos para dentro dos rios são algumas das pressões negativas ressentidas nos rios.

É altamente desejável que os conhecimentos derivados da Expedição Rio da Prata-2011 sirvam para ajudar a ordenar atividades de turismo sustentável, planos de manejo de áreas preservadas, além de estimular novas pesquisas ecológicas, comportamentais e até mesmo de biologia pesqueira.



JOSÉ SABINO

Biólogo Ivan Sazima prepara-se para mais um mergulho no Rio Olho D'Água



Piauçu (*Leporinus e Crenicichla*) procura alimento no leito do Rio Olho D'Água

Boas práticas do ecoturismo

Em meados da década de 1990, não sabíamos quase nada sobre os admiráveis ecossistemas aquáticos de Bonito e região, que naquela época já atraíam milhares de turistas todos os anos. Os visitantes chegavam ávidos para flutuar nas belíssimas e frágeis nascentes dos rios de Bonito, a cidade mais conhecida da Serra da Bodoquena.

Para um cientista que começava a estudar a região – além da beleza – havia o entusiasmo e a enorme curiosidade pela novidade. A cada mergulho, surgia uma avalanche de perguntas. Quais espécies de peixes viviam nos rios, o que eles comem, quando se reproduziam, quem eram seus predadores naturais, onde os peixes se abrigavam, quais espécies faziam piracema? Essa curiosidade se mantém hoje, mesmo depois de muitas perguntas respondidas e conhecimento acumulado.

Para além da curiosidade científica e do encantamento pelo local, havia uma enorme preocupação. Os rios de Bonito já haviam sido descobertos pelo turismo e eram alvo de muita

cobiça econômica. Sem o conhecimento básico de ecologia aquática, havia o risco de os rios serem usados acima de sua capacidade. A pergunta mais preocupante era a seguinte: caso algum dano ambiental ocorresse aos complexos e delicados ecossistemas aquáticos da Serra da Bodoquena, como poderíamos recuperá-los? Tratava-se de uma corrida contra o tempo. Foi necessário gerar conhecimento científico sólido, ao mesmo tempo em que os ambientes eram explorados pela crescente atividade turística. Ao longo dos anos, tem sido possível mostrar que, pelo menos no rio Olho D'Água, essa equação é muito bem resolvida.

Não se trata de merchandising dizer que, sob a "batuta" genuinamente apaixonada e responsável do empresário Eduardo Coelho, uma ajustada orquestra de funcionários exhibe uma verdadeira sinfonia de gestão ambiental. Em tempos de sons dolorosos emanados do Pantanal, a RPPN Fazenda Cabeceira do Prata é um exemplo a ser seguido pelos fazendeiros de Mato Grosso do Sul. Lá, ninguém desafia!